

D. Sebastião e as Máscaras

José Henrique Dias

Este não é um texto sobre o Sebastianismo. Isto é, não vou ocupar-me das polémicas que, desde o século dezanove, atravessaram a vida intelectual portuguesa, procurando fundar razões que firmassem um messianismo português, fosse de raiz judaica ou de inspiração cristã, visando criar, nos interstícios do mito, uma singularidade nacional, mesmo uma filosofia portuguesa. Contam-se por dezenas as obras e por menos dos dedos de uma mão a originalidade doutrinária. A razão deste texto reside num simples acontecimento pessoal. Em 1983, participei na Fundação Calouste Gulbenkian no Colóquio Interdisciplinar 'O Sebastianismo na Intra e Exohistória Portuguesa'.

Apresentei uma comunicação que intitulei 'D. Sebastião e o Teatro'. A comunicação colheu as boas graças de Estrela Serrano, então responsável por um espaço cultural no Programa 2 da *Rádiodifusão Portuguesa*, de que fez uma interessantíssima encenação radiofónica, com actores a dizerem os extractos de peças que entreteciam o meu texto.

Sem que saiba porquê, perdi o texto. Então tudo era manuscrito ou dactilografado, que a vulgarização dos computadores portáteis ainda estava no porvir. Todos estes mais de vinte anos tenho pensado ocasionalmente no que escrevi, revolvi os meus papéis, diligenciei encontrá-lo nos arquivos da RDP ou, ao menos, uma gravação que

me permitisse reconstituí-lo. Em vão. Em Portugal, somos pouco dados a guardar documentos e sabemos quanta memória radiofónica e televisiva foi apagada.

Ora, tal como se evoluiu e peregrinou por esconsos torvelinhos, surgiu-me agora amarelecido e quase ilegível entre uma montureira de papéis que uma mudança de casa destinava ao lixo.

Esse é o texto que apresento, penosamente reconstituído, aqui e ali retocado, prisioneiro dos mesmos vezos de então. Como se verificará, parte de uma fala teatral e com uma tirada de palco se despede.

É na, diversidade poliédrica da *persona*, pluralidade vivente ou recriada no milagre do teatro, que laivos do messianismo sebástico atravessam esta breve construção escrita para ser lida, como tal, com o verbo feito carne da própria e pessoal teatralidade.

Socorrendo-me de uma obra incontornável sobre o Sebastianismo,¹ apresentarei uma bibliografia que muito ajudará os que quiserem abeirar-se deste problema.

Que suba a cortina!

Quem é que fala em duvidar? Deixo as dúvidas aos medíocres. A minha alma é grande. É a alma de um povo que quer sobreviver. Soou a hora de fazer um pacto com os profetas. Contra eles, o suplício, a fogueira, o gotejar do veneno da corrupção, nada podem. Desejar absurdamente o impossível, eis a escolha que resta aos portugueses. Os que chamam demência a este legítimo anseio, mais não fazem de que ocultar sob a descrença a sua vocação para escravos².

Palavras de D. João de Castro nas primeiras cenas desse espantoso objecto teatral que é *O Encoberto*, de Natália Correia, publicado nos finais dos anos sessenta do século passado, e cuja representação, como a própria circulação do livro, foram proibidos pela Censura salazarista³.

Palavras adequadas àquela singular figura de intelectual e resistente à dominação filipina, S. Paulo da religião portuguesa, no dizer de Oliveira Martins⁴. Homem que sem desfalecimentos, vedado o trono ao breve rei António, Prior do Crato, vive exilado e em penosa miséria, ocupado a descobrir nas *Trovas*⁵ do sapateiro de Trancoso a matriz do Sonho, que acenderia nas trevas da catástrofe uma chama de profética salvação, até à fixação obsessiva de D. Sebastião redivivo na pessoa do enigmático calabrês.

Esse inconsútil misticismo militante levou Natália Correia a fazer de D. João de Castro o catalisador da transformação alquímica de

toda a acção da sua peça, princípio activo de uma mimética universalidade do mito sebástico, símbolo de resistência à tirania, qualquer que seja a máscara, o tempo e os actores.

Em trovas se edifica a profecia, pão dos humildes e esperança redentora da orfandade de um povo, perdido o rei, renascido o poema, Evangelho de um Portugal intemporalmente à espera de se cumprir, como alertava Pessoa.

Palavras sementes de loucura, testemunho passado de memória a memória num tempo único, um tempo último, primeiro o Portugal anexado, logo, ou sempre, o que perdeu se acaso encontrou o seu destino.

Memória de vozes corporizadas no colectivo da Esperança, geradoras de múltiplas encarnações de futuro fruste no presente de cada intérprete, regresso sempre adiado do Encoberto.

Nas *Trovas*, a palavra da salvação, Bíblia-Outra de famintos e órfãos na terra ocupada, maltrapilhos-soldados atrás dos pendões dos reis de Penamacor e de Ericeira, verbo feito carne, como outros encenado no espaço da revolta, jogo cénico ao ritmo das sucessivas conspirações, bandeiras de resistência enraivecida⁶.

Um só tempo, do antes para o depois – passado presente que foi, futuro presente que será – e não ser de nenhum presente. Desejado ou Encoberto, arqui-actor de sucessivas máscaras, de capitão de exércitos funambulescos em Penamacor ou Ericeira aos palacianos e ambíguos de Madrigal e Veneza – ou ainda D. António – O Indesejado, de Jorge de Sena, Teodósio, João IV, João VI, Miguel ou outros, quantas vezes ingénua mudança de alguma claridade para a absurda escuridão.

*Para os descrentes sou a saudade do passado, para os loucos sou a saudade do futuro. Como vês não pertenço ao presente*⁷ - assim se reclama do tempo Bonami-Rei, em *O Encoberto* de Natália Correia.

O messianismo sebastianista, tributário das *Trovas* do sapateiro de Trancoso, a que o neto do Vice-Rei da Índia dera fanática projecção, cedo assumiu a reificação em máscaras de impostores, que aqui e além, com maior ou menor repercussão, se fizeram passar pelo rei desaparecido na fatal batalha da manhã de 4 de Agosto de 1578, pon-do fim a um curto reinado de dez anos.

A primeira aparição data de 1584, protagonizada por um antigo noviço expulso da ordem do carmelo, que havia recolhido protecção de uma viúva de um soldado que pelejara em Alcácer-Quibir. Junto da senhora, ouvira relatos da batalha e cedo começou a contar que nela tomara parte. Apesar das evidentes dissemelhanças físicas, desde logo

o facto de ser de tez e cabelo escuro e o rei português ser loiro, muitos foram os que acabaram a acreditar que o homem era o próprio D. Sebastião. Denunciado, foi a tribunal e condenado às galés, tendo fugido durante a viagem da Invencível Armada, não havendo mais notícias dele, a não ser ter constado que um naufrago arribou às costas de França, andando pelas ruas a esmolar e a dizer ser el-rei Sebastião de Portugal. Este episódio, que não teve especial repercussão, foi dado à troça das gentes conhecido como o *Rei de Penamacor*.

Um ano depois, toma corpo um novo episódio, já com maior desenvolvimento. Trata-se de Mateus Álvares, filho de um pedreiro natural da Vila da Praia, na Ilha Terceira, que depois da infância na sua terra açoreana se fez eremita em terras da Ericeira. A aproximação física ao rei era mais notória, quer na idade, quer em características como o tom do cabelo. Constava que, de noite, se flagelava em remissão dos seus erros e que ecoavam os seus gemidos.

Não se tornou complicado erguer-se à sua volta uma certa aura, que o jovem vai acalentando, reunindo muita gente, alguma com peso social, como foi o caso de Pedro Afonso, que combatera em Alcântara nas hostes do Prior do Crato.

Assim, fez-se o pedreiro açoreano aclamar rei na Ericeira, tendo mesmo chegado a distribuir títulos e, à sua volta, organizou-se um exército de guerrilheiros que alertou as autoridades pelos vários desmandos cometidos, junto da fazenda de simpatizantes do Governo castelhano. Para pôr fim à aventura, ordenaram os governadores que de Lisboa partisse uma força que, após algumas batalhas, submeteu os guerrilheiros e prendeu o Rei da Ericeira, logo condenado ao cadafalso, suspenso de uma corda. Porém, o impostor jurou perante os juízes que a sua intenção era patriótica, que pretendia tomar Lisboa numa noite de festejos populares em honra de S. João, para logo anunciar quem era, apenas um português que queria devolver ao seu povo a liberdade.

Em 1594, há nova aparição, outra máscara, de mais fino recorte, porque habilmente preparada. Foi seu autor o frade agostiniano Frei Miguel Contreiras, homem de palavra eloquente nos púlpitos, confessor de D. António, que vê na crença sebastica a possibilidade de entronizar o seu amigo Prior do Crato. Sendo então capelão-mor do Mosteiro de Santa Maria do Madrigal, por diploma de desterro exarado por Filipe II, castigo pelo seu acrisolado amor à causa antoniana. O frade agostiniano insinuou no fraco ânimo de D. Ana de Áustria, filha de D. João de Áustria, encerrada no convento por ordens do rei de Espanha, que o pasteleiro Gabriel de Espinoza, com quem o frade combinara o embuste, era o rei D. Sebastião.

Colheu o embusteiro os favores da jovem, inexperiente e retirada do mundo, convencida que estava perante o rei português, o que lhe permitia alimentar a ambição de ser rainha e vingar-se de Filipe.

A máscara de Gabriel foi meticulosamente construída, em ofício de caracterização. O tempo decorrido reclamava o necessário envelhecimento, marcado pelos tormentos da vida do nosso rei. O cabelo tomou tonalidades alouradas, o rosto aprofundou sulcos, a composição da figura ganhou temperos de credulidade. Não fora uma inconfidência do impostor, que, entretanto, recebera da jovem valiosas jóias, e a tramóia teria durado mais longo tempo. Descobertos, Gabriel e o frade foram sentenciados a morrer na forca, porém, o pasteleiro suportou a tortura de uma forma que surpreendeu a justiça e, por certo, adensou o mistério. Não que o embuste tenha contado com mobilização popular, pois decorreu no espaço do convento do Madrigal, mas pelas suas características foi o que mais inspirou poetas e dramaturgos, como veremos mais adiante.

O último dos falsos D. Sebastião foi Marco Túlio Catizone, o calabrês, que durante quatro anos alimentou o embuste em Veneza, lugar onde se exilaram muitos dos seguidores de D. António, que, após a derrota, emigraram para toda a Europa. A sua aparição dá-se em 1598, alvoroçando os próceres antonianos.

Espalhada a notícia entre os portugueses exilados, D. João de Castro, neto do homónimo vice-rei da Índia, estrénuo defensor da causa de D. António, que acompanhara em Inglaterra e França, vai a Veneza e ajoelha-se a seus pés, reconhecendo-o como o verdadeiro rei.

Todo o resto da sua existência é ocupado a tentar provar que o nosso rei estava vivo, mudado do que fora, quase irreconhecível pelas privações por que passara. Falava um português perclitante, que D. João de Castro faz coincidir com o sofrimento. Era, porém, tão convincente que notícia inquietou a corte castelhana. Sabe-se que D. António mandou o filho a Veneza para examinar o homem de quem tanto se falava, e parece que a perplexidade se instalou nele como entre muitos dos portugueses ali exilados.

Castela não podia suportar a insídia. O calabrês é preso em Florença, a pedido da embaixada de Filipe, sendo o prisioneiro com alguma pressa decapitado em S. Lucar de Barrameda, corria Setembro de 1602⁸.

Outros menores episódios fizeram apresentações de D. Sebastião, como o louco que, no Rossio e arredores, em 1813, vestido de mouro se afirmava como o rei perdido em Alcácer, e igualmente por alturas das invasões napoleónicas recrudesciu a mística sebastianista, che-

gando a admitir-se que o rei chegava em 1808. A propósito, José Agostinho de Macedo vergastou no seu estilo turculento o sebastianismo, rindo desta néscia necessidade de fazer voltar o rei, proclamando quatro proposições: I Um Sebastianista é um mau Cristão. II Um sebastianista é um mau vassalo! III Um Sebastianista é um mau Cidadão. IV Um Sebastianista é o maior de todos os Tolos⁹.

Estes os falsos retratos, mais ou menos retocados ao sabor das circunstâncias, máscaras de uma máscara marcada à nascença pelo infortúnio da própria concepção. Conhecemos o retrato pintado por Cristóvão de Morais, o cavaleiro tendo ao lado o esbelto galgo, Garrett teria visto um outro no palácio do Governo em Angra, que considerava o mais autêntico, fazendo por ele as palavras na boca de Maria de Noronha:

— [...] *aquele do meio é o do meu querido e amado rei D. Sebastião. Que majestade! Que testa aquela tão austera, mesmo dum rei moço e sincero ainda, leal, verdadeiro, que tomou a sério o cargo de reinar.[...] E pensar que havia de morrer às mãos de mouros, no meio de um deserto, que numa hora se havia de apagar toda a ousadia reflectida que está naqueles olhos rasgados, no apertar daquela boca!*¹⁰

Qual a vera efigie do desafortunado rei, que, à sua volta, gerou uma tão funda história de lendas e mitos?

D. João III tivera nove filhos com D. Catarina, irmã de Carlos V. Morreram quase todos de tenra idade, apenas dois escaparam à morte precoce: D. Maria, que a rainha casou com o príncipe Filipe, o segundo desse nome em Espanha e que haveria por tal parentesco de ser o primeiro de Portugal, e D. João, que veio a ser o pai de D. Sebastião. Do casamento de D. Maria com Filipe nasceu o príncipe D. Carlos, mas a mãe poucos dias sobreviveu ao parto. D. João, nascido em 1537, era de complexão muito débil, e tão tardiamente falou que chegou a pensar-se que era surdo-mudo. Aos catorze anos, em 1552, casaram-no com a prima D. Joana, filha de Carlos V, com receio que uma vida breve pusesse em causa a independência nacional. Adolescente e frágil, ama de forma destemperada a esposa, ao ponto de não se querer separar dela um só momento. Doente, obrigaram à separação, e o príncipe logo morre de diabetes. A princesa, que estava grávida, só depois do nascimento de D. Sebastião, a 20 de Janeiro de 1554, foi informada da morte do esposo. Festivamente, graças e louvores se deram a S. Sebastião, em cujo dia nascera, o que havia de ser rei de Portugal.

D. Sebastião tem três anos de idade quando, em 1557, morre seu avô, D. João III. Fica D. Catarina como regente e tutora do neto, mas a intriga palaciana cedo trouxe o Cardeal D. Henrique, irmão do rei defunto, para a regência.

Aos catorze anos, D. Sebastião cinge a coroa e o ceptro, tornando-se rei de todo o Portugal, vasto império *que o sol logo em nascendo vê primeiro*, como canta Camões, o incensador do adolescente monarca.

Marcado pelo ferrete da doença, o jovem rei vê no corpo maculado celeste castigo pela luxúria dos pais, como há-de dizer. ‘O jovem rei padecia, há mais de dois anos, duma doença que o acompanhou até à morte, e que, além de outros factos, nos explica a relutância de Filipe II em conceder-lhe a mão da filha, a infanta Isabel Clara Eugénia’¹¹.

Mais preocupante, aparecido pelos onze anos de idade, era um corrimento genital acompanhado de febre persistente. O jovem toma-o por espermatorreia, sinal de luxúria que esbarrava na pia e austera educação que recebera de sua avó Catarina. Os médicos, esses, recomendavam descanso, ao verem o mal agravar-se, acompanhado de tonturas, indisposição e desmaios. Estudos nosológicos vão ao encontro de uma supuração provocada por uretrite persistente ou mesmo blenorragia, afastando o *fluxum seminis* que tanto perturbava a piedosa consciência do jovem monarca.¹²

Mais ou menos ocultada a doença, nada podia ocultar a sua compleição. Longe da beleza que Maria de Noronha sonhadamente explora, D. Sebastião era notoriamente assimétrico, com o ombro direito mais alto do que o esquerdo, todo o lado direito mais longo, braço e perna, o que lhe dava um andar desajeitado com inclinação para a esquerda. Não menos complexo era o seu carácter. Marcado por grande obstinação, era tão impaciente quanto irascível, dado a extravagâncias e sensível aos lisonjeiros, caprichoso e com excentricidades mórbidas que o levaram a mandar abrir os túmulos de alguns dos reis seus antepassados, que contemplava extasiado, como aconteceu com os restos mortais de D. João II. Era fundamentalmente “dominado por um narcisismo avassallador”, como afirma Alfonso Danvila¹³, ferida narcísica que nutrirá toda a aventura louca da sua perdição, geradora do mito e fundadora de todo o desenho teatral, em nossa como em outras línguas.

Machado Pires dá-nos em Adenda cópia de um manuscrito que regista os SINAIS NATURAIS DO SENHOR REI D.SEBASTIÃO:

A mão direita maior do que a esquerda; o braço direito mais comprido que o esquerdo; o corpo, dos ombros à cintura mui dobrado; e curto, de sorte que o seu jibão não servia a ninguém.

Da cinta aos joelhos mais comprido. A perna direita mais comprida que a esquerda. O pé direito maior que o esquerdo. Os dedos dos pés quase iguais. Tem no dedo pequeno do pé direito um dingo dedo pequeno do pé direito um calo que lhe cresce. O peito do pé mais alto. No ombro esquerdo, junto do fio do lombo um sinal pardo, com cabelos, como um vintém. No ombro direito, ao pé do pescoço, outro sinal preto, do tamanho de uma unha pequena. Tem lentilhas no rosto, e mãos, mas não se enxergam bem. Falta-lhe um dente na queixada direita de baixo, que lhe tirou Sebastião Neto. Tem contínuo fluxo de semente. Outro sinal se dirá quanto importou, digo importar. Tem os dedos longos, e as unhas compridas. O beijo grosso da parte da direita, como seu avô Carlos 5º. Os pés pequenos, e as pernas encurtada¹⁴.

A descrição coincide, no essencial, à que acima referimos. O mais acentuado crescimento de uma das metades do corpo corresponderá à chamada síndrome do bebé moldado. Trata-se de uma anomalia que decorre da posição do feto no útero materno, que conduz a uma diferenciação de desenvolvimento das duas metades do corpo.

Brumoso navio espreitado de Santa Catarina, arrasta-se até aos nosso dias em formas sublimadas, el-rei menino de poetas ou interpretação prospectiva de pensadores.

Corridas as cortinas do grande teatro da História, é no espelho dos pequenos palcos que se alimenta e se revê para assistir ao milagre da transformação, seja em carroças de comediantes de feiras e romarias, seja em alfombras de salões aristocráticos.

Sempre os poetas a retomarem a palavra, consagrando-a no mágico ritual das tábuas do palco, onde se organiza obra de arte viva, que antes apenas memória de palavras, consubstanciando-se no corpo e voz do grande fingimento dos actores, para a devolverem solidificada aos famintos e aos órfãos, que a incorporam numa reacção centrípeta oposta à centrifugação expurgatória da tragédia clássica, mas outrossim função 'demogógica' com a mesma unção dessas outras encenações da liturgia eclesial, nos templos ou nas procissões.

Tanger, enfim, o estado de graça que abre as portas lucilantes desse reino de Salvação que é a Liberdade:

*O meu verdadeiro público espera-me - diz **Bonami-Rei**. Agora sim, o meu palco é o mundo. Estou focado por milhares de olhos para quem um gesto meu é a amargura que há no fundo de todos os prazeres ou a esperança que floresce no pântano de todas as misérias. É a minha grande oportunidade. Eles exigem o meu génio. Não posso falhar. Devo ser exímio pois piso o terreno perigoso da arte excelsa de salvar. (Para D. João de Castro). Não é verdade que esperam de mim a salvação?*

D. João de Castro: – *A liberdade.*

Bonami-Rei: – *A vida*¹⁵.

História e Teatro amalgamados nos quatro falsos D. Sebastião, sementes a germinar nas leiras do sonho ou esperança de revolta, supermarionetas cujo destinador é a crença que radica de uma concepção providencialista da história e da própria vida, que encontrou nas marcas étnicas e condições históricas do nosso povo, por um lado, o húmus sagrado onde pode germinar a flor que há-de murchar na jarra que ora acalenta a esperança ora destila pessimismo, sopra hossanas ao optimismo, chora secas lágrimas de morte e embala a ressurreição, e que a estese literária desenvolve em formas por vezes antitéticas, sim, mas irresistivelmente assaltadas pela febre lenta que, através do tempo, subiu os canais do ser nacional e rebentou em esplendorosa floração.

Pouco importa, a esta reflexão, coincidir com Oliveira Martins ao ver no Sebastianismo ‘uma explosão simples de desesperança, uma manifestação do génio natural íntimo da raça, e uma abdicação histórica...para entrar no sepulcro, na mortalha de uma esperança messiânica’¹⁶ ou reconhecer com Sérgio que ‘não nascemos sebastianistas – e não queremos positivamente viver como se o fôssemos’¹⁷, porém, conferimos com Joel Serrão que foi ‘uma das consequências populares desses “desespero de viver” que Braudel pressentiu nas sociedades mediterrânicas ao findar o Sec. XVI, quando se instituiu o ordenamento socioeconómico e político que nós outros designamos por “antigo regime”¹⁸.

O que aqui nos importa, à margem de teorias e polémicas, é fazer uma ainda que breve excursão ao sentido de dramaticidade ou mesmo teatralidade de alguns pré-textos e textos, epifenómeno de um fenómeno mais complexo e profundo, o Teatro, que todos sabem não ser redutível à dimensão literária.

Dá ser irresistível a breve abordagem dos falsos D. Sebastião e quanto os rodeou como teatro ele-mesmo, espécie de *happening* no espaço cénico da história, que veio a ter, posteriormente, em alguns casos, o registo acessório de um texto para novas formas de recriação e vivência comunicativas.

Quando o pedreiro de Penamacor se sente empurrado para a assumpção do mito, repetindo descrições da batalha que ouvira à sua protectora, viúva de um soldado de Alcácer-Quibir; quando, por força de identificações e projecções exteriores, ao descrever particularidades do combate entretece a narrativa com palavras de uma língua estranha, certamente inventada, e já rodeado de prosélitos cria uma espécie de corte, distribui cargos, crisma um companheiro de Cristóvão de Moura e a outro de bispo da Guarda, que outra coisa acontece senão a grande e espectacular simulação que caracteriza o fenómeno teatral?

E, quando o outro ermitão da Ericeira, terceirense roído de mal de amores impossíveis, se flagela e culpa da desgraça africana na solidão do ermitério, logo arrastando um exército de maltrapilhos, trava batalhas e concede títulos, expede cartas e por fim confunde o tribunal com declarações corajosas, repassadas de fundo sentimento patriótico, revelando que apenas pretendia expulsar os tiranos para logo convocar o povo e se revelar como quem era, e então se eleger um rei português, não foi assumir até ao limite, ao climace dramático, a transmutação que gera uma verdade efémera num espaço cénico?

E essas ainda levadas mais longe construções de Madrigal e Veneza, carpinteiradas por encenadores que meticulosamente organizam a acção, desenham a trama, maquilham actores, produzem o texto e armam a intriga, marcam movimentos e dirigem silêncios, cientificamente, satanicamente, como esse hábil Frei Miguel dos Santos no grande cenário de Madrigal; encenador e actor de uma impressionante mistificação que tocou a fragilidade e ambição de Ana de Áustria, que recebe e reconhece no pasteleiro o rei seu primo, sonhando através dele sentar-se no trono de Portugal por secreta vingança a seu tio Filipe, que a fechara num convento ou essa outra forma de ascético convencimento que durante a vida minou o neto do Vizo-Rei da Índia, o exilado D. João de Castro, após a derrocada do sonho antoniano, exegeta de trovas e profecias ao reconhecer no calabrês o infortunado rei que afinal ninguém vira morrer no campo de batalha, contagiando com o seu gesto e seu entusiasmo delirante quantos fidalgos portugueses

acorreram então a Veneza, a despeito de Marco Túlio não falar português e nada saber do reino e suas gentes.

Gabriel de Espinoza e Marco Túlio, assumidos D. Sebastião ou como tal aceites, agentes de transformação de uma psicologia em comportamentos, indiciando a dúvida mas sobretudo lavrando sulcos de esperança, entre o real e o imaginário, que outra coisa foram senão corporizada ficção, o milagre esperado que nos leva ao teatro para vivermos ‘alegrias e angústias que são nossa porque as adaptados ao nosso pobre romance quotidiano, à vida insonsa de cada dia’, como proclama a personagem Encenador no Prólogo de *Antígona*, de António Pedro?¹⁹

Que nos surpreenderá, pois, que também eles, desmascarados e expostos no palco da história, mais vivos que mortos, apesar dos tormentos e forcas, acabassem por regressar aos palcos em recriações poéticas, estas sim mais verdadeiras e definitivas?

Sabemos que partir de uma personagem histórica e chegar, pelos caminhos da criação literária, à dimensão de lenda, cresce sempre de um lento e gradual processo de metamorfose. Em Espanha, bem diferente da nossa, bem outra, era a vertente do messianismo: ‘Los españoles en el fondo, creemos menos en los milagros, ni aun los de la ciencia. Y no es por escépticos; es porque aun tenemos alguna mas fe en nosotros mismos. No esperamos en la vuelta de ningun don Sebastián’.²⁰

Será talvez a razão por que o instrumento de conspiração política Gabriel de Espinoza, Pasteleiro de Madrigal, demorou mais de dois séculos a atingir uma última forma, fixando-se como símbolo legendário de ambiguidade e martírio. Cerca de duzentos e cinquenta anos mediaram entre o facto histórico e o drama de Zorrilla, *Traidor, inconfeso e mártir*,²¹ com passagem por uma primeira comédia atribuída a Cunizares, mas mais seguramente atribuível a José de Cuellar.

Nessa primeira forma de 1746, tudo o que historicamente respeita à conspiração como a figura do pasteleiro na sua dimensão literária, não rompem com os próprios factos registados nos documentos processuais, como tal Espinoza aparece mesmo como um embusteiro e não se vislumbra vestígio de sobreposição ao rei português. Tiveram de decorrer decénios numa urna de crisálida, a distância brumosa que entretece o real na teia do tempo, preciso foi que explodisse a liberdade criadora e se alterassem cânones para que o pasteleiro de Madrigal e o rei perdido na louca correria nas plagas africanas se fundissem, figura única, no imaginário dos leitores do outro espaço da Península.

Parece-nos uma evidência que essa longa e lenta gestação, a inteligente construção personal que a literatura subtilmente modelou, articulada com o referente mítico que atravessa tão temerária quão ousada teia conspiratória, não defluíram directamente da nossa liturgia sebastianista, porém não será ousado sustentar-se a existência de fortes elos que ligavam o papel histórico do verdadeiro Espinoza à delirante busca, entre nós, de um messias nacional.

O nosso sebastianismo certamente que não deixou de alertar autores espanhóis para o seu 'pasteleiro', se mais não fosse pelo interesse que oferecia a própria conspiração, com inegável interesse dramático. Acontece porém que em Portugal o caso de Madrigal jamais se aproximou do sentido de religiosidade messiânica do Encoberto, o que servirá para explicar o facto de não ter motivado os nosso escritores, pese embora a sua teatralidade, salvo o caso, que saibamos, da tragicomédia em cinco actos de autoria de Augusto de Lacerda²², levada à cena no Teatro Nacional Almeida Garrett, o actual D. Maria II, com assinalável êxito, como rezam as crónicas da época, em 25 de Janeiro de 1924.

A peça de Zorrilla, de 1849, é marcada pela naturalidade dos diálogos, com todos os ingredientes do drama romântico, contido na forma, isto é, não cedendo a vocações de retórica torrencial, focando a atenção nas marcas caracterológicas de Gabriel de Espinoza, o pasteleiro, desenvolvidas em pinceladas de mistério e crescente intensidade dramática, que resultam na sólida construção de uma personagem a um tempo profunda e digna.

Última obra teatral de José Zorrilla (1817-1893), o autor escreveu não já para o público mas para satisfação pessoal, para corresponder à fama que a sua obra lhe prodigalizou, não só a obra lírica como os seus dramas, o mais celebrado dos quais é *D. Juan Tenorio* (1844), porém não o mais perfeito, que em perfeição nenhum excede a obra de que nos ocupamos.

A pensar no actor Julián Romea, que devia representar o papel de Gabriel, Zorrilla vigia rigorosamente a sua impetuosidade poética, para construir um drama onde, segundo Isidoro Fernandez Flórez, há 'lógica y proporción, hay progresión, hay sencillez; está mejor confectionado que sus dramas anteriores; la versificación es mas lenta; el estilo menos hinchado; hasta hay afectación de prosaísmo en el dialogo...'²³

Gabriel Espinoza, pasteleiro de Madrigal, é apresentado como uma 'figura hermosa, con fuerte relieve, llena de poesia y dignidad, de atracción y misterio. Si no es lo que dice ser, obra y si produce como

si lo fuera; y cuando acude a la cita que la muerte le tiene dada, por ley de su destino, los espectadores se le ven alejarce con respetuoso sentimiento, debido a que obra

*si impostor, con impávida osadia
y si rey, con fiereza soberana*²⁴

A sua aparição acontece nos finais do 1º acto, embora a sua presença, qual atmosfera envolvente de todas as outras personagens, respire desde as primeiras cenas. Essa demorada aparição, por efeito da referida respiração cénica, intensifica crescentemente o *suspense* e notifica o interesse pela sua figura, notável jogo cénico que mantém e sincroniza intensidade energética na dramaticidade de Gabriel, que logo atinge especial dimensão no primeiro diálogo com o alcaide que secretamente investiga os acontecimentos de Madrigal. Gabriel refugia-se numa atitude que hoje seríamos tentados a rotular de depressiva. Isola-se, exclui-se de todo o relacionamento, adensa o mistério sobre a sua própria vida. A sua espectacular aparição em cena confere irremediavelmente com a visão que o espectador foi construindo sobre a sua pessoa, o que ressalta da precisão da linguagem e substância poética dos diálogos. Mary Elisabeth Brooks sintetiza a personagem nesta lúcida configuração, que passamos a traduzir: ‘a maneira hábil como [Gabriel] evita enredar-se na teia que à sua volta se desenvolve, ao tempo que aumenta a aura e mistério que rodeia a sua pessoa, é uma demonstração soberba da habilidade de Zorrilla para escrever diálogo em poesia’²⁵.

O crescimento e intensidade da acção conjugam-se para que nos finais do 1º acto já esteja perfeitamente definida a identificação com o nosso desventurado rei, através não só de características morfológicas, como acentua aquela autora inglesa, como ainda por ostentar as armas da coroa de Portugal na espada, que garbosamente manipula.

A complexificação do seu carácter vai-se edificando ao longo do 2º acto, em tonalidades simultaneamente brumosas, num crescente espaço subjectivo de ambiguidade, como se verifica na recusa de se identificar perante D. Rodrigo:

Gabriel - Del Estado
*Es ahijada del Senado
serenisimo y tendrán
que devolvérsela salva
sus parentes a Venecia*

*rica y libre, cual la precia
el marqués de Mari-Alba.
Ya nostra historia sabéis.
A que viene a Madrigal
ya a qué voy a Portugal,
indagadlo si podéis.*

*Ni sabréis de mi outra cosa
ni nadie más de mi sabe;
sólo Dios tienne la llave
del corazón de Espinoza;
Y si más de lo que digo
saber importa a la ley,
llevadme a Madrid: el rey
me conoce, Don Rodrigo.*

(ACTO II –ESCENA VI)

Quando se vê identificado como D. Sebastião pelo Marquês de Tavira, em hábil tirada, não só o rejeita como o apelida de louco e afirma não o reconhecer nem como nobre nem como português, o que intensifica a ambiguidade da personagem. Porém, a exaltante frieza das suas palavras, como de resto a atmosfera de mistério que o envolve, vão definhando tão significativamente que quando se atinge o final do 2º acto já o espectador pode desvendar o que está para além da carapaça de reserva com que escondia a sua estrutura emocional, sobretudo a partir das revelações do seu amor por Aurora, que inicialmente é apresentada como sua filha. O espectacular momento de intangível sabor romântico da escolha entre o amor e a glória do Poder, ressalta no monólogo que antecede a entrada da jovem, e nessa fala repassada de funda humanidade, Espinoza descobre o véu dos seus comportamentos, preferindo o martírio ao ceptro real.

O diálogo, pela crescente tensão, gera a um tempo comiseração e simpatia, com o claro objectivo de deixar no espectador a semente da dúvida e a um tempo o húmus solidário que resolve, no espelho do palco, toda a conflitualidade que desde o início se estabelece com os detentores do Poder, porque aquele homem, que à custa de representar um papel é absorvido pela realidade que representa, confere à substância teatral uma dimensão de cumplicidade que esbate a própria urdidura inicial.

A máscara sobrepõe-se à própria História. Ele é o que (não) diz

ser. Exposto em toda a sua fragilidade, face aos que podem decidir da sua vida, resta-lhe agitar as consciências com o peso da dúvida. Alguém possuirá a verdade que já não é a que mora dentro de si, alguém poderá desenredar a teia do mistério que se foi construindo, mas o gesto de perdão como a palavra identificatória, seriam enfim a sentença que o reino, para se manter uno, recusava:

*A él solo [el rey] , si, desenredar le toca
la peligrosa red que se me tiende;
sólo el rey puede descoser mi boca;
él sólo: si me salva o si me vende,
él con Dios se verá: no es cuenta mia.
Yo acepto mi fortuna, tal cual sea
la que el cielo me de; mas vendrá un día
en que todo mortal con Dios se vea,
y en aquel día, en que de Dios espero
temblar ante el semblante soberano,
yo, de cetro en lugar, tener prefiero
una palma de mártir en la mano.*

(ACTO II-ESCENA XI)

César acaba por lhe oferecer a liberdade, mas para Gabriel espera-se uma sentença divina, superior à comiseração dos homens, pelo que a liberdade seria obstáculo à sua redenção. E mesmo quando Aurora aceita fugir e confessa a Gabriel o seu amor, revelando-lhe que sabe não ser sua filha, a opção pelo martírio estava tomada. Gabriel imola-se no e pelo amor. A pujante lírica de Zorrilla serve agora de forma magistral a tessitura dramática. Numa espécie de *via crucis* deixa para trás as delícias de amor para se entregar ao seu fatal destino, por imperativo divino, semeador de um intenso proselitismo que há-de vir. Nunca a ninguém dissera ser o que procuravam, a flor dos cavaleiros, que em Alcácer rompeu os elos da mortalidade e concelebrou na morte inglória a imortalidade do Desejo, mas para a morte caminha incógnito como aparecera:

*tú eres la sola flor que brotar hizo
in mi camino Dios... Dios, que al ponerme
sobre la tierra, me alfombró de espinas
la senda que mis pes recorrer deben;
pero yo no merezco tu amor santo;*

*yo soy un árbol, cuyo tronco estéril,
despojado de vida por el rayo,
ya ni sombra, ni flor, ni aroma tiene.*

.....

*Mártir me quiere Dios, y obedecerle
es fuerza: vive: y si te dice el mundo
que he sido un impostor, el mundo miente.
Yo no he dicho jamás que era el que buscan,
y a morir me enviarán sin conocerme.*

(ACTO III-ESCENA X)

Mártir, irá subir ao patíbulo. A máscara do martírio adensa o silêncio dramático. Ao bom jeito romântico, irá descobrir-se que Aurora é filha de D. Rodrigo, o algoz de Gabriel, que orgulhosamente, identificado com D. Sebastião, sobe a escada da forca. Restava-lhe um último desafio, próprio de um rei que se martiriza por uma ideia, jactante de realeza soberana, culminante de patriotismo feroz, num espaço de ambiguidade que instilava no espectador a mancha alargada da incerteza:

*...Escuchadme: si yo fuera
el rey don Sebastián, morir debía
por la quietud del reino, y mi alma entera
ser mártir a ser rey preferiria.
Si soy un impostor, y perjudico
con mi existencia la quietud de España,
debo morir también: debo una hazaña
de mi impostura hacer, y sacrificio
mi vida sostener esta patraña
qui mi historia desde hoy hará famosa.*

(ACTO III-ESCENA X)

Na hora suprema de enfrentar a morte, a morte inevitável, morte ignominiosa mas redentora para a disseminação do mito, Gabriel é a outra face do espelho onde não podem reflectir-se as esperanças dos seus seguidores, mas ficará como máscara fantasmática dos que precisavam da corporificação do mito, numa homologia crística onde o

madeiro é substituído pela corda. Lança as últimas sementes da dúvida olhando a multidão com fria e soberana dignidade:

*Nos os fatiguéis: empresa es van.
Lego, rey o impostor, mi último día,
Y moriré cual debo, Santillana.
Si impostor, con impávida osadía,
y si rey, con fiereza soberana.*

(ACTO III-ESCENA X)

Spinoza, como Marco Túlio, reis efémeros como efémera e em absoluto irrepetível é cada representação teatral, sagram-se matriz de reteatralização a partir do mistério, a morte e a denegação da morte do louco de Alcácer-Quibir, também ele efémero porque nasceu tocado pela asa da morte, rei da morte escolhida, arauto da desgraça, primaz da humilhação e estrénuo intérprete da loucura.

*Sempre vi nos meus sonhos um homem que seria o verdadeiro rei da minha pátria: rei de todos os seus reis defuntos ou nascituros; rei da morte escolhida com a porta aberta; rei da desgraça mas passageira, da humilhação mas fecunda, da perdição mas transcendida, da loucura só louca aos olhos dos prudentes loucos! O nosso rei de sempre, em suma: pois sempre desejado e sempre encoberto; o mais verdadeiro rei da Esperança! Olha sempre vi esse homem nos meus sonhos enviados por Deus. E logo quis o maravilhoso Destino que tal homem fosse, em verdade, nosso rei legal! Nem que o não fosse, porém, o viria a ser. Não compreendes isto? – diz **SIMÃO**, o visionário sapateiro santo, na peça de José Régio, *El-Rei Sebastião*²⁶.*

Nesta singular construção dramática, poema espectacular onde se joga o destino do jovem rei marcado à nascença pela tragédia da doença e da morte, possesso de aterradoras vozes ressoando de longínquos passados e espelhado de sonhos estelares, incontível obedece às vozes que lhe determinam o fim, o imperativo de aniquilar-se:

SIMÃO – *Salve, rei! A doença da tua carne não é senão preservação da tua pureza. A tua incapacidade de rei não é senão apelo do teu verdadeiro Reinado. A tua loucura não é senão entreveres o que não entendes. O teu suicídio não é senão a condição da tua vida*

imorredoiira. Vais ficar reduzido a um espectro mais vivo que a tua própria vida! Mais real que tu próprio...

EL-REI - *O meu suicídio?!*

SIMÃO – *O teu glorioso suicídio; o teu suicídio colectivo²⁷.*

Régio desenvolve a obstinação do Rei entre os terrores das vozes interiores e os diálogos com o profeta. Fechado a todos os avisos do reino a preservar, irremediavelmente preso na teia das profecias, incensado ainda pelo poema de Camões, que lhe chamara de *maravilhosa fatal da nossa [sua] idade*, a flor do desespero, o *poderoso rei cujo alto império o Sol logo em nascendo vê primeiro*, o *novo temor da maura lança*, como recita a Invocação dos *Lusíadas*, solta os cavalos da insensatez e lança-se na torrente da loucura:

SIMÃO – *Do próprio extremo desespero se gera uma estranha flor, que ao mais miserável permite continuar a viver; e desesperada Esperança; a Ilusão mais real que a realidade; o Milagre que vence o Impossível.*

Esperança, Ilusão, Milagre, sentimentos moldados categorias de um quadro mental generalizado de explicação do Mito, essa outra face especular da loucura:

SIMÃO – *Duas cousas sustentaram, levantando-o contra a humilhação, o Rei vencido: uma... era o livro dum poeta: a glória passada estendendo-se pelo tempo fora; até ao presente, até ao futuro...*

A outra... Era que ninguém vira morrer o jovem louco da espada relampejante. Era que ninguém o vira morrer – nem morto. Assim ficara assente.

.....
EL-REI — *Não credes que Deus possa escolher um homem, para realizar os seus desígnios? Iluminá-lo, por isso, mais que todos os outros?*

*-Escolhido por Deus que todo o mande
para do mundo a Deus dará parte grande...*

Assumido capitão de Deus, do torpe ismaelita vencedor e esperança da cristandade, consome as noites possuído de sonhos que o aterram, fosso de víboras e fantasmagorias como as surrealizantes tentações de Bosch, príncipe shakespeariano a interrogar-se e interrogar, cidade longínqua, inatingível, utopia:

EL-REI - *O que é a vida, o que é a realidade, quando os sonhos do homem são maiores?... Quando são mais reais e mais vivos?... Qual a outra vida que também amo? Diz! Tu é que sabes dizer.*

SIMÃO – *Bem sabes qual, Capitão de Deus! A vida que se vive para além da morte! A que fará de ti o verdadeiro Desejado, o eterno Encoberto: o que sempre se deseja e sempre se demora, o que sempre se procura porque sempre nos foge, o que sempre se ama porque nunca se conhece.*

Este D. Sebastião, tipificado na crença sebastianista, é já bem outro, está para além e acima do rei que soltou o corcel na louca correria de Alcácer-Quibir, imortalizando-se pela via da morte fatal e necessária, a grande, única, a noiva apetecida:

SIMÃO [...] *O Reino tinha o seu rei. (ligeira pausa) É mais verdade do que julgas.*

EL-REI , com desespero concentrado que só em certos passos explode:

Não! Não é verdade! Eis o que não é verdade! O Reino não tem rei. Porque nem eu posso ser um rei para o Reino, nem sei se lho posso dar...Nasci ferido de incerteza nas próprias fontes da vida; porventura marcado de esterilidade! Bem n-o sabes, todos sabem que já anda isso vaiado nas trovas das bodegas, nas chufas dos becos...Todos me exigem, que demonstre o contrário! Todos me escolhem, mulher, me pedem sucessão: os meus parentes, os reis meus aliados, todos os meus vassalos, todos os meus amigos e conselheiros, o mesmo Santo Padre que vela pela Cristandade. Todos me fazem casamentos que demoro, que desfaço, porque a minha carne se desenvolveu ferida de morte: Arde consigo, duma chama em que não pode arder a carne de mais ninguém. Nem eu sei, sequer, se posso ter filhos! Ou se posso amar quem quer que seja no mundo! A minha humanidade adoeceu ainda não estava formada...Não sabes?, pois não sabes que tanto mais adoeço quanto mais exercício dou ao meu corpo? Que importa que o meu corpo seja robusto? Bem certo, bem certo que faço alarde e tiro vanglória da sua robustez! Mas porque sei que a doença o rói por dentro...E que remédio dão os físicos à minha doença? Qual é a minha doença? Que mistério trouxe eu comigo? Parece que Deus fustigou em mim a luxúria de meus pais...Além de que a minha alma exige pureza! A pureza absoluta, que permite as grandes obras. Sim,

passo...passo a aborrecer todas as noivas que ninguém me propõem. Só quero a noiva que ninguém me oferece! Uma que tanto pudesse curara a minha carne como saciar a sede de pureza da minha alma...

SIMÃO – *Uma como ninguém te oferece, decerto: pois só pensam em ter de haver um herdeiro para o trono.*

EL-REI – *Uma..., sabes qual?*

SIMÃO – *Tu não sabes, senhor?*

EL-REI – *Mas diz o seu nome!*

SIMÃO – *Para quê? Bem sabes que é essa...a que vive contigo.*

EL-REI – *Nenhuma outra? Só a Morte?*

SIMÃO – *Só a Morte, para curar de vez a tua carne doente; para saciar os apetites de pureza da tua alma.²⁸*

Un bel morir tutta la vita honora!, emprestara-lhe o poeta para divisa. O Noivo da Morte não tem ouvidos senão para o mistério das trovas, onde encontra justificação para os seus propósitos de passar a África apesar dos sacrifícios que tal empresa implicava em gente e fazenda.

Mais ainda, a hora da decadência que o reino atravessava só poderia ser superada com o esplendor de uma vitória militar. Em Portugal, escasso era o pão que crescia nos campos; mais importante do que a cobiça do ouro das minas longínquas era esse ouro da terra que refulgia ao calor do sol africano.

No poema dramático de Tomás Ribeiro Colaço²⁹, em diálogo com o Conde de Portalegre, que tenta persuadi-lo da arriscada empresa, pergunta insultante de que cor é o medo. Responde-lhe o conde: - *É da cor da prudência!*

Possuído de grande exaltação visionária, responde-lhe num belo e longo monólogo, discorrendo sobre a audácia, as razões dissuasoras, as cautelas timoratas, exaltando as movimentações no espaço do império para cumprir desígnios de Deus:

*E a prudência é da cor cinzenta do marasmo,
E a audácia é cor de sangue, e o Sol, cor de entusiasmo!
Razões?! Que são razões?! Verdades mentirosas
De quem anda a medir, —só com o pensamento,
A inútil dimensão de regras cautelosas,
fora das quais tudo é ruína ou desvairamento.
Ouve...Pois tu não vês, na Índia, a grande chaga?
Deuses, para a alcançar, fomos de vaga em vaga...
Homens, —voltamos lá, se a cobiça nos chama.*

*E do sangue melhor que tão longe se apaga
 Apertamos na mão um punhado de lama...
 E repara...Não vês que esse Brasil enorme
 É, na terra e na selva, um oceano que dorme?
 Não vês que ele terá de matar, a quem queira
 Em si multiplicar o esforço que o transforme,
 — como cachos demais matam na videira?
 E não sentes, como eu, que essa África escaldante
 Só de queimar a pele amolenta o valor?
 Não vês como ela inculca, em vicioso torpor,
 à Raça que ontem viu sobranceira e triunfante,
 a nódoa sem perdão de um sangue de outra cor?
 Não medes que foi Deus Quem nos mandou tão longe
 A ganhar para Ele um imenso tesouro,
 — e que nós, retalhando um hábito de monge,
 o estendemos no chão para o enchermos de oiro?
 E negas que a fortuna alcançada além-mar
 se perde com usura, em honra e gente morta.
 — Nem sequer paga o pão que temos de comprar,
 e que ondeia, entre infiéis, junto da nossa porta!
 Eu já fui lá — Eu vi. Campinas e campinas
 na palidez da lua, na glória das manhãs...
 Mar onde, erguida a Cruz do meu pendão das Quinas,
 como por todo o mar, terei ondas cristãs!
 Sim! Lá, o oiro vem de cavernas escuras
 que inundam, quem as vê, da sua escuridão;
 é uma força que tem seivas quentes e puras,
 porque é o oiro do sol, a germinar no chão.*

.....

Eu também sei razões.

— Mas não preciso delas!

*Contar o que eu vejo, há só doidas sacudidelas,
 chicotadas de luz, na sombra! Ondas, no peito!
 Mais almas, na alma. O sangue, outro sangue,*

refeito.

*E luta, e sede, e raiva, e dor, e um cataclismo
 que nos reerga outra vez, ou cave um tal abismo,
 — que é o fazer tão largo e de o tornar tão fundo
 possa avistar-se o céu, — do outro lado do Mundo!*

.....

*Por isso eu vou lutar, puro e sozinho. — E quero
tudo arrastar comigo. — E sofro, e desespero,
se uma tibia mole ou uma prudência torva,
como rocha a impedir que uma torrente a absorva,
como silva daninha a estorvar o meu passo,
contradiz o que eu digo, ou desfaz o que eu faço.
E por isso é no povo, é no povo que eu sinto
O instinto em que outra luz responde ao meu instinto.
E por isso ele vem florir no meu caminho
De corações a arder, e bandeiras de linho.
Quero ir com ele. E vou. E vamos, de mãos dadas,
Seguindo em devoção pelas mesmas estradas.
Aos mais, dê o remorso, a morder na consciência,
A sede de subir par encontrar-lhe a cura.
E vêm! E hão-de marchar, verás com que demência
Desvairada, sublime, arrebatada, e pura,
Sobre as malditas leis da maldita prudência,
Contra a tua Razão,
— pela minha Loucura!!³⁰*

Um mesmo ímpeto guerreiro, a chama do ideal e um exaltado arrebatamento patriótico informam o carácter de D. Maria de Noronha, no drama de Garrett. Damos por presente na memória de todos esse admirável monumento de todo o teatro romântico europeu. Recordaremos apenas o nexo psicológico que viaja o interior da intriga, a exacta relação entre os diferentes temperamentos e caracteres, no que têm de semelhantes e de opostos, e que constituem uma rara unidade de acção e de conflito, unidade que deflui da maneira como estão construídas as personagens.

Telmo e Maria, em perfeito ajustamento psicológico, desencadeiam continuamente conflitos com Madalena de Vilhena. Manuel de Sousa, imagem de patriotismo e generosidade, somada a uma evidente serenidade e extrema decisão, não só quando incendia a própria casa como ainda no recordar sem ciúme D. João de Portugal. É ainda com invulgar firmeza que enfrenta a separação final e é com magoada tranquilidade que enfrenta a morte da filha.

Maria, pelo contrário, pelo seu temperamento exaltado e mesmo pela debilidade física, funciona como excitante das permanentes preocupações dos pais, o que justifica não só com as suas constantes reacções contraditórias como constrói a inevitável a morte final. O próprio Telmo Pais, edifício de fidelidade ao passado, ao seu velho

amo, D. João de Portugal, acaba por tornar-se mais sensível ao vento de desgraça que atravessa a frágil Maria.

Marcado desde o começo pela fatalidade, condensada no episódio de Inês de Castro que Madalena interioriza na primeira fala, tornando seu, o drama garrettiano tem no gradual desenvolvimento dessa fatalidade a sua verdadeira acção, ao reificar a presença de um espectro, nos terrores de Madalena, nas insinuações de Telmo, nos sonhos de Maria. O próprio acto de Manuel de Sousa, pegando fogo a sua casa, para dar uma *lição aos tiranos* e ensinar ao povo escravo que ainda havia um português em Portugal, o Portugal de reinado filipino, serve para atrair esse espectro, nos alucinados gritos de Madalena e na cintilação das aterradoras labaredas, espécie de ritual fantástico a chamar o fantasma em errante viagem quando a família tem de aceitar viver na casa que fora do primeiro marido de Madalena.

E os espectros tornam-se triunfantes, como lemos algures em *Hernâni Cidade*, são afinal a força motriz da tragédia.

A crescente crença no regresso de D. João de Portugal, modelização, enfim, da fidelidade do povo ao seu rei, está sublimemente corporizada em Telmo e Maria. Maria extasia-se diante do retrato daquele rei “moço e sincero ainda, leal, verdadeiro, que tomou a sério o cargo de reinar, e jurou que há-de engrandecer e cobrir de glória o seu reino” — e repare-se na importância da conjugação, no presente perifrástico ‘há-de engrandecer’, pelo seu sentido futuro, em perfeito acordo com o sebastianismo de Maria, já evidenciado, de resto, na sua primeira aparição, recusando a morte do rei: ‘... e pensar que havia de morrer às mãos de mouros, no meio de um deserto, que numa hora se havia de apagar toda a ousadia reflectida que está naqueles olhos rasgados, no aperto da boca! Não pode ser, não pode ser. Deus não podia consentir em tal’³¹.

Em Telmo, por admirável transposição, quando responde a Madalena, ao ser-lhe lembrado que tudo o que se fizera para encontrar o seu velho amo e a ninguém mais ficara resto de dúvida, responde, cortante, — *Senão a mim*.

MADALENA: — *Dúvida de fiel servidor, esperança de leal amigo, meu bom Telmo! Que diz com o vosso coração, mas que tem atormentado o meu...E então sem nenhum fundamento, sem o mais leve indício...Pois disse-me em consciência, disse-me de uma vez, claro e desenganado, a que se apegou esta vossa credulidade de sete...e hoje mais catorze...vinte e um anos .*

TELMO: — *Às palavras, às formais palavras daquela carta escrita na própria madrugada do dia da batalha, e entregue a Frei Jorge, que vo-la trouxe. “Vivo ou morto” — rezava ela — “vivo ou morto”...Não me esqueceu uma letra daquelas palavras; e eu sei que homem era meu amo para as escrever em vão.— Vivo ou morto, Madalena, hei-de ver-vos pelo menos uma vez neste mundo...³².*

Foi com esta crença, esta fidelidade ao passado, vera efígie do sebastianismo, que Garrett pretendeu comover o público, numa época caracterizada por um marcado encontro com as origens, porém toldado pela ditadura administrativa de Costa Cabral, onde a sanha persecutória atingiu o próprio Garrett e levou a actos censórios sobre o seu *Frei Luís de Sousa*, com o peregrino pretexto de que a cena do incêndio do palácio e quanto a rodeou ofendia a legação espanhola. Por isso Garrett não deixou de registar nesse texto fundamental que é a sua *Memória ao Conservatório*, “ Este é um século democrático: tudo o que se fizer há-de ser feito pelo povo e com o povo...ou não se faz.

‘...Dai-lhe a verdade do passado no romance e no drama histórico. — no drama e na novela da actualidade ofereci-lhe o espelho em que se mire a si e ao seu tempo, a sociedade que lhe está por cima, abaixo, ao seu nível — e o povo há-de aplaudir, porque entende’ ³³.

Fechamos o círculo da nossa breve excursão. Reencontramo-nos com esse mesmo povo em Natália Correia, povo que gargalha no bairro miserável e mal afamado da Veneza do século XVI, vago e inicial lugar da acção de *O Encoberto*.

Num pequeno praticável – *O Purgatório dos Comediantes* – o actor Bonami e seus companheiros vão dar espectáculo a um público de mendigos, bêbedos, rufias e vendedeiras.

Anuncia-se o entremês ‘As Desventuras do Rei Encoberto Que Para Penar Seus Pecados Palmeia o Mundo Sujeito às Agruras do Mesmo a Fim de Ser Perdoado Pelo Senhor e Regressar ao Seu Reino’.

Corrida a cortina, Floriana conta no romance da Moura Huria os amores da moura pelo rei cristão, a quem libertou no fim da infausta batalha. Coberto de andrajos, Bonami representa um D. Sebastião arrependido das desgraças que causou ao seu povo. Um velho que ali fora levado, desculpabiliza o rei, responsabilizando a nação embriagada pelos fumos do império. É D. João de Castro.

Bonami vai passando por uma lenta transformação. Quando o velho lhe diz “é tempo de calar as bocas praguentas que dizem que morrestes em Alcácer Quibir”, torna-se definitivamente **Bonami-Rei**.

D. João de Castro: [...] — *Incrível como sois, sois o alimento da raiva de um pequeno povo que não pode fazer frente a um império onde o sol não se põe. Sois a vergonha de uma nobreza corrompida pelo ouro do usurpador e o alento de um exército formado pelos destroços das tropas desbaratadas em África., que não podem bater-se com os soldados mais temidos da Europa*³⁴.

Bonami-Rei é então o que está focado por milhares de olhos, para quem um gesto seu é a amargura que há no fundo de todos os prazeres ou a esperança que floresce no pântano de todas as misérias, aquele de quem o povo espera a liberdade, a vida.

No *Purgatório dos Comediantes*, Filipe II conversa com o seu confessor, que lhe assevera que a anexação do império português é serviço de Deus, justificando assim toda a tirania. Por sobre as suas palavras ergue-se uma profética **voz masculina**:

*Quem nos trata como bichos
De bichos se fartará
Pois é coberto de bichos
Que o tirano morrerá*³⁵

Filipe não ignora que é ‘rumor do sangue de um povo que o odeia, a quem é impossível amordaçar’. Pergunta ao confessor:

FILIFE II — *És capaz de negar que Deus põe a vidência dos tempos que hão-de vir nos olhos dos humildes?*

FREI DIEGO — *Quando Deus se lembra que é poeta, à experiência terrena da Santa Mãe Igreja compete refrear a fantasia do Criador*³⁶.

Circulavam novas de que um homem se fez passar por D. Sebastião em Veneza, Filipe sabe que se trata do próprio rei, seu sobrinho, pelo que ordena a sua prisão.

O povo agita-se, reclama a libertação; agora é já Cristóvão de Moura a pedir ao rei a entrega do prisioneiro, pois ‘destruído o corpo em que incarnou a loucura, esta evoluir-se-á como o fumo no ar’³⁷.

O paço torna-se um caos enevoadado. Estranhos prodígios anunciaram o regresso do rei. O povo dá largas à sua alegria. O licenciado Belchior do Amaral opõe ao entusiasmo popular uma opinião racional e moderna sobre a maneira de exterminar os tiranos, mas o povo acaba por linchá-lo.

Qual Ulisses, uma galera que avança pela cena traz amarrado ao mastro da proa Bonami-Rei, cumprindo a justiça de Filipe. O símbolo do madeiro clássico transmigrará no tempo, para diferentes actores da história. Ajudado pelos seus partidários Bonami acaba libertado. Falso ou verdadeiro D. Sebastião, passa à montanha onde opera o quartel general dos guerrilheiros.

‘É a altura do actor recear ser ultrapassado pelo papel cujos rigores lhe revelam os perigos do génio. Bonami-Rei julga, portanto, precaver-se contra os efeitos auto-destrutivos da sua arte, despindo perante o público a pele do rei que ameaça ser o algoz do actor’, diz-se numa disdacália da peça.³⁸

Vestido de guerrilheiro, dirige-se aos espectadores, relata toda a sua história, fala da intervenção de D. João de Castro e prepara-se para organizar a resistência. Bonami-Rei em nova metamorfose, outra máscara, é agora um D. Sebastião próximo do rei da Ericeira, a passar a uma forma do Cristo guerrilheiro de Torga³⁹.

Com lágrimas, uma prostituta lava-lhe os pés, solta os longos cabelos e enxuga-os, como quem o prepara para a sepultura. São notórias homologias evangélicas, susceptíveis de captarem no público emoções conflituais entre o sagrado e o profano, mas com inquestionável funcionamento do objecto teatral.

Bonami-Rei irá aparecer encarcerado e os poderosos pedem a sua rápida execução. Cada minuto de vida do prisioneiro é um ataque ao seu bem-estar. O povo manifesta-se, os poderosos atemorizam-se, pactuam. Conseguida a libertação do prisioneiro, esfrangalhado espantinho da revolta, rei vencido, aparece-lhe disfarçado de frade D. João de Castro, para lhe pregar a moral do partido, que exige aos falhados a morte ignominiosa a fim de salvar as verdades eternas:

D. João de Castro — *Não te iludas. A causa serviu-se de ti e tu falhaste. Não passas de um grotesco incidente numa pendência eterna que devora os falhados.*

Bonami-Rei — *Que pretendes com essa manobra infame de apóstolo de trampa?*

D. João de Castro — *Que sobreviva a esperança no regresso do Rei Encoberto. Se morreres como D. Sebastião, contigo se extingue toda a miragem de liberdade para este povo. Incrível e intemporal, esse rei de lenda é para os oprimidos a sensação de um grito por dar⁴⁰.*

Os poderosos julgam então poder dormir tranquilos, tranquilidade perturbada por novas manifestações do povo. A Moura Huria, voz do amor que salva, devolve a esperança. Torturado por Cristóvão de Moura, Bonami-Rei confessa e nega, ora actor, ora D. Sebastião. O ritmo na tortura torna-se frenético. O povo assiste extasiado, como sempre, ao espectáculo da dor e da morte. Revolve no seu íntimo as suas dores alheias, as alheias suas dores, porque a tragédia lhe deslumbra os sentidos.

Passando entre os dedos, uma a uma, as contas do seu rosário, Filipe II assiste ao suplício e ordena a morte. Casa a crueldade com a oração, expurga em religiosidade o mandamento da morte, porque a justiça dos poderosos tem por limite a sua consciência.

Filipe II — [...] Essa incómoda personagem incarna a resistência da alma humana que luta contra a demoníaca tentação de ser acéfala, de ser massa. Sou um chefe. Como tal compete-me defender a mediania de que sou expoente. É a isto que se chama o bem comum. D. Sebastião é o génio que ainda não se conformou com a ideia de ser rebanho. [...] Se o prisioneiro morrer como impostor, D. Sebastião continuará vivo e o génio da desordem teimará em provocar insónias ao poder. Que o génio morra para que uma mera fantasia não ridicularize a mediocridade.⁴¹

Antes de subir ao patíbulo, Bonami é exposto à chacota daqueles que antes o aclamavam. Os comportamentos populares, as massas, nos espectáculos da morte como nos actos revolucionários, mudam ao sabor dos acontecimentos. O povo que aclamou a revolução portuguesa de 1820 foi o mesmo que logo bateu palmas a D. Miguel. Os milhares que encheram o Terreiro do Paço a vitoriar o ditador Salazar e saudaram Marcelo Caetano, estiveram nas ruas de Lisboa em Abril de 1974, em hossanas aos militares revoltosos. As elites intelectuais, verdadeiro motor de todas as grandes transformações sociopolíticas, ficam silenciosas e silenciadas. Mais importante de que os factos, é a possibilidade de pensá-los. Privilégio de poucos.

No interim da execução da personagem de Natália Correia, actor-impostor-rei, D. João de Castro adverte o povo da imortalidade do mito:

D. João de Castro — Amigos! Este sangrento espectáculo que vos une na abjecção de vos sentirdes um montão de esterco, é uma sinistra encenação do Estado a fim de vos convencer de que com este

homem morre a imaginação. Ora a verdade é que o condenado é um actor que se dá ares de fantasma da vossa consciência. De D. Sebastião só tem o guarda-roupa. Isto significa que quando a sua cabeça tombar, podeis ir para casa e ele continuará a viver.

[...]

2º Homem — *Irmão, se aquele lugar de uma acção que perturba a nossa consciência é um palco, isso quer dizer que o indivíduo está a abusar dos nossos sentimentos.*

D. João de Castro — *Claro que está. A arte é insolente. Abusa do facto de vocês serem muitos e não poderem decidir o que é verdade⁴².*

Bonami-Rei olha as sombras que se diluem. A máscara assegura agora o acmé da ambiguidade e vai ressoar no espelho da dúvida o eco do mito sebástico, esplendorosamente tratado na transposição teatral. Natália Correia recondu-lo a uma resignificação a todos os títulos notável, perpetuando assim uma entranhável psicogenia que ao longo dos séculos se tem multiplicado na delegação da esperança de um povo que entrega os seus desígnios a fantasmagorias diversas, fruto da sua meridionalidade e do peso de uma religiosidade que se aproxima quando não se resolve na vertente patológica.

Como tal, a personagem Bonami, seja actor seja rei, pode interrogar-se e interrogar a própria sombra, mártir de um Gólgota outro, responsabilizando e convocando os que o rodeiam à coragem de tirarem as próprias máscaras, do medo, da hipocrisia:

Bonami-Rei (para a multidão) — *Escutai a confissão do monstro que por vós se deixa morrer. Não estou inocente. Sou um louco. Um triste exemplo dessa crise de responsabilidade que de vez em quando perturba a razão dos homens. Confesso que a minha demência foi uma terrível premeditação para vos fazer rir de medo. Podeis chamar-me o vosso bobo ou o vosso Rei Desejado. Tanto faz. Sou o filho da desordem. O ordeiro cutelo vai cortar a cabeça da vida sonhada. Nada de lágrimas de crocodilo! Por uma vez exige-se honestidade. Riam! Riam! Nas vossas gargalhadas achareis o sabor da minha morte⁴³.*

O carrasco baixa o cutelo. A treva que vai descendo é riscada por relâmpagos, estalam trovões. Na cena vazia, recortando-se sobrenaturalmente na sombra revolvida por raios, a prostituta anuncia que encontrou o sepulcro vazio. Não o mataram. Foi tudo uma farsa.

O povo que foi entrando e a rodeia, fixa o céu, preparando-se para o seu regresso.

Uma nave de prata rompe as nuvens. Extasiada, uma mulher grita —*É ele. O rei que sempre volta quando o mundo tem o rosto de uma hiena.*

Mais adiante, dando corpo à epifania da corporização da esperança, hipostasiando o mito, um homem repete:

3º Homem — *Por ele enfrentaremos os grandes homens do momento.*

Todos — *Que apodreçam os olhos que não aguentarem este esplendor da liberdade.⁴⁴*

Esplendor de luz perpétua, imprime-se nos céus a Liberdade.

Desce o pano. Neste final, a mundialização do mito sebástico. Com o pano descerá uma nave fantástica. É uma luz viva, multicolorida, hino à amizade imperecível. Crianças param os olhos, sonham. Antecipando Spielberg, já antecipado em Herberto Helder, bicicletas entram pelas nuvens.

Que apodreçam os olhos que não aguentarem o esplendor da liberdade.

NOTAS

- 1 António Machado Pires, *D. Sebastião e o Encoberto*, 2ª Edição, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1982.
- 2 Natália Correia, *O Encoberto*, 2ª Edição, Lisboa, Edições Afrodite, sd., p. 15. A 1ª edição é de 1969, na Galeria Panorama.
- 3 A lógica da Censura salazarista escapa a toda a racionalidade. Mais ou menos pela época da sanha persecutória a Natália Correia, encenámos o *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett. Possuímos o exemplar que então enviámos à famigerada Comissão de Censura, que nos foi devolvido com cortes, que incidiram sobre todas as referências ao primeiro casamento de D. Madalena de Vilhena. A estranheza é tanto maior, quanto o drama garrettiano era de estudo obrigatório no 4º ano dos liceus. A menos que o censor tenha feito despuorada transposição para as mulheres dos militares envolvidos na guerra colonial.
- 4 Oliveira Martins, *História de Portugal*, Vol. II, Lisboa, Guimaraes Editores, 1951, p. 87.
- 5 TROVAS DO BANDARRA NATURAL DA VILLA DE TRANCOSO APU-

RADAS E IMPRESSAS POR ORDEM DE UM GRANDE SENHOR DE PORTUGAL OFFERECIDAS AOS VERDADEIROS PORTUGUEZES DEVOTOS DO ENCOBERTO..., Porto, Imprensa Popular de J.L.de Sousa, 1866.

- 6 O estudo do problema dos falsos D. Sebastião merece trabalho mais extenso, pelo que apenas o abordaremos neste trabalho, mais empenhado na produção teatral que na emergência teatral da própria História. Vários foram os impostores a fazerem-se passar pelo rei morto nas plagas africanas, frágeis na sua construção, aproveitáveis para a exaltação do mito.
- 7 Natália Correia, *op.cit.*, p.26.
- 8 Garrett chegou a admitir que este falso rei podia ser verdadeiro. F.M. Bordalo, em 1884, publicou na *Revista Universal* uma narrativa sobre Marco Túlio, mais tarde retrabalhada e dada a público em 1854 no *Panorama*, deixando a ideia de que Marco Túlio não era impostor. Como veremos na peça de Natália Correia nuclear neste nosso trabalho, o episódio é retomado de forma notável, enquanto objecto teatral, abrindo o mesmo espaço de ambiguidade. Sobre os falsos D. Sebastião, sobre todos Cf. Miguel D'Antas, *Les faux Don Sébastien*, Paris, chez Auguste Durand, Librairie, 1866.
- 9 José Agostinho de Macedo, *Os Sebastianistas, Reflexões sobre esta ridícula seita*, Lisboa, Oficina de António Rodrigues Galhardo, Impressor do Conselho de Guerra, 1810.
- 10 Almeida Garrett, *Frei Luís de Sousa*, Acto Segundo, Cena I.
- 11 D. Manuel de Menezes, *Chronca del Rey D. Sebastião*, cap. CXXVII, Lisboa,
- 12 Sobre o assunto, ver José Timóteo Montalvão Machado, *As Doenças do rei D. Sebastião*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, MXCLXIV.
- 13 Alfonso Danvila, *Filipe II y el Rey D. Sebastian de Portugal*, Espasa Calpe, SA, 1954, p. 315.
- 14 António Machado Pires, *op.cit.*, Adenda, p.443.
- 15 Natália Correia, *op. cit.* p. 27.
- 16 Oliveira Martins, *História de Portugal*, Lisboa, Guimaraes & C^a, Editores, 1951, p. 93.
- 17 António Sérgio, *Ensaio*, t.I, Porto, 1920. p. 278.
- 18 Joel Serrão, *Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 1973, p. 32 e ss.
- 19 António Pedro, *Antígona, Glosa Nova da Tragédia de Sófocles Em 3 Actos e 1 Prólogo incluído no 1º Acto*, Porto, Círculo de Cultura Teatral, Repertório do Teatro Experimental do Porto, 1961.

- 20 Miguel de Unamuno, *Por tierras de Portugal y de España*, Obras Completas de Miguel de Unamuno, vol. 9, 1930, in *Desde Portugal*, p.49.
- 21 Zorrilla, “Traidor, Inconfeso e Mártir”, in *Obras dramáticas y líricas de José Zorrilla*, Madrid, Manuel P. Delgado, 1895. Para um melhor conhecimento, ver a edição crítica da obra de Zorrilla, de Roberto Calvo Sanz, Madrid, Espasa Calpe, 1990.
- 22 Augusto de Lacerda, *O Pasteleiro de Madrigal*, Lisboa, Ferreira & Branco, Lda, 1924.
- 23 Apud J.Garcia Mercadal, *Historia del Romanticismo en España*, Barcelona, Editorial Labor, S.A., sd., p.341.
- 24 *Id, ib.*
- 25 Mary Elizabeth Books, *A King for Portugal- The Madrigal conspiracy, 1594-1595*, The University of Wisconsin Press, Madison and Milwaukee, 1964.
- 26 José Régio, *El-Rei Sebastião poema espectacular em três actos*, 2ª edição, Lisboa, Brasília Editora, 1978, pp. 135-136.
- 27 *Idem*, p. 158.
- 28 *Idem, ibidem*, pp. 143-146.
- 29 Thomaz Ribeiro Colaço, *D. Sebastião poema dramático em 3 cantos e 12 jornadas*, Lisboa, Edição da S.I.T.[Sociedade Industrial Tipográfica], sd. Foi representado pela primeira vez no Teatro Nacional em 27 de Maio de 1933. A encenação era de António Pinheiro que pela primeira vez em Portugal utilizou o palco rolante. Do elenco faziam parte Adelina Abranches, Maria Lalande, Álvaro Benamor, Amélia Rey Colaço, Maria Clementina, João Villaret, Delmiro Rego, Emília de Oliveira, António Pinheiro, Maria Brandão, Palmira Bastos, Guimarães Brazão, Raul de Carvalho, António Sacramento, Manuel Lerenó e Robles Monteiro.
- 30 *Idem*, pp.138-142.
- 31 Almeida Garret, *Frei Luís de Souza*, Edição do Theatro do Pinheiro, Lisboa na Imprensa Nacional, 1844, p. 79.
- 32 *Idem, pp.37-38.*
- 33 *Idem, Ibidem*, Memória ao Conservatório, p. 18.
- 34 Natália Correia, *O Encoberto*, p.26
- 35 *Idem*, p.31.
- 36 *Ibidem*, p.32.
- 37 *Idem*, p.37.
- 38 Início do Segundo Acto, *idem*, p.53.
- 39 Poema Guevara, in *Diário X*, p. 166-167.
- 40 Natália Correia, *Idem*, p. 84.

41 *Idem, ibidem*, p. 109.

42 *Idem*, p. 115-116.

43 *Ibidem*, p. 117.

44 *Idem*, p.123.

BIBLIOGRAFIA

O rigor do registo bibliográfico, praticamente exaustivo, determinou que, com a devida vénia, utilize a Bibliografia apresentada pelo Prof. Machado Pires na sua obra *O Sebastianismo e o Encoberto*, que oportunamente referimos, incontornável para a organização do meu texto. Limitámo-nos a juntar uma ou outra referência

A. FILOSOFIA DO MITO

CASSIRER, Ernest *Ensaio sobre o Homem*. Lisboa, Guimarães Editores, 1960.

ELIADE, Mircea *O Sagrado e o Profano*. Lisboa, Livros do Brasil, s.d.

GUARDINI, Romano *El mesianismo en el mito, la revelacion y la política*. Madrid, Biblioteca del Pensamiento Actual, Rialp, 1956.

B. PSICOLOGIA. CARACTEROLOGIA. SOCIOLOGIA

BASTIDE, Roger *Brasil, Terra de Contrastes*. São Paulo, «Corpo e Alma do Brasil», 1964.

BERGER, Gaston *Traité Pratique d'Analyse du Caractère*. Paris, P. U. F. (col. «Caractere»), 6^{ème} ed., 1963.

BRILL, A. *Basic Principles of Psycho-analysis*. The Washington Press Book, 1960.

FREUD, Sigmund *Abrégé de Psychanalyse*. Paris, P. U. F., 5^{ème} ed., 1967.

FROMM, Erich *Psicoanálisis de la Sociedad Contemporânea*. México, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 3.^ª ed., 1960. *O Coração do Homem*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1965.

GURVITCH, George *Traité de Sociologie*. Paris, P. U. F., 1958.

C. SEBASTIANISMO: ESCRITOS MESSIÂNICOS E PROFÉTICOS

ALMEIDA, Gregório de *Restauração de Portugal Prodigiosa, pello Doutor Gregório de Almeida, Ulyffiponenfe, Agora novamente correcta e emendada, e offerecida a memória do Auguftissimo e Fidedigno Monarcha D. João V expofto ao publico por feu mínimo vaffalo Manoel António Monteiro de Campos E a fua cufta impreffa*. Lisboa, na Officina de Manoel Soares Vivas, 1753. *Restauração de Portugal Prodigiosa*, Barcelos, 1939. (Vol. I, publ. Damião Peres.)

BANDARRA, Gonçalo Annes *Trovas do Bandarra, natural da Vilia de Trancoso, apuradas e impressas por ordem de um grande senhor de Portugal, offerecidas aos verdadeiros Portugueses devotos do Encuberto*. Nova Edição, a que se ajuntão mais algumas nunca até ao presente impressas. Barcelona, MDCCCIX.

BANDARRA DESCUBERTO NAS SUAS TROVAS, *Collecçam de Profecias mais notáveis, respeito a felicidade de Portugal, e Cahida dos maiores Impérios do mundo*. Londres, Impresso por W. Lewis, Paternoster-row, 1810.

BANDARRA *Trovas Inéditas de Bandarra, Natural da Vllia de Francoza, Que existião em poder de Pacheco contemporâneo de Bandarra e que se lhe acharão depois de sua morte*. Londres, MDCCCXV.

___ *Verdade e Complemento das Profecias do servo de Deos Gonçalo Annes Bandarra*. Lisboa, Typographia Rollandiana, anno de 1823.

___ *Trovas do Bandarra, natural da Villa de Trancoso, apuradas e impressas por ordem de um grande senhor de Portugal, offerecidas aos verdadeiros portuguezes devotos do Encoberto*. Nova Edição, copiada da que em 1809 se imprimiu em Barcelona e que hoje é muito rara. Porto, Imprensa Popular de J. L. de Sousa, 1866.

___ *Profecias de Gonçalo Annes de Bandarra sapateiro de Trancoso*, nova edição, conforme as anteriores, seguidas das «Trovas» do mesmo autor. Lisboa, Livraria Universal, 1911.

BOCARRO, Manuel Bocarra Francês *Anacefaleosos da Monarquia Lusitana*. Lisboa, s. tip, 1624.

___ *Anacefaleoses da Monarquias Lusitana*. Lisboa, António Alvarez, 1624.

___ *Anacefalose da Monarquia Lusitana*. Lisboa, Tip. Lacerdeira, 1809.

CASTRO D João de *Paraphrase et Concordança de Alguas Propheçias de Bãdarra Çapateiro de Trancoso*, Reprodução fac-símile revista e acompanhada de uma notícia bibliográfica por José Pereira Sampaio (Bruno). Porto, MDCCCXI.

CLÁUDIO, Manuel *O Egrégio Encuberlo ou demonstração dos principaes fundamentos em que se estribam os Sebastianistas, para esperarem pelo seo D. Sebastião, e de que este reyno, nossa cara pátria, hade ser a Cabeça do império e monarchia universal: «Et fiet unum ovile et unus pastor».* Dialogo sebastico Interlocutores: Cláudio, sebastianista—Aurélio, adversário—Leonardo, conciliador. Por um sebastianista, M. C. Lisboa, 1849.

COUTO, Alexandre do *Brado do Encoberto. Da vida e vinda de El Rei D. Sebastião.* (Cit. in Biblioteca Lusitana, t. I, p. 94.)

JARDIM AMENO Compilação de escritos sebastianistas. Cód. 774 do Arquivo Nacional.

LIMA, Luis Torres de *Compendio das mais notáveis coisas que no Reino de Portugal aconteceram desde a perda de El Rei D. Sebastião até ao ano de 1627, com outras coisas tocantes ao bom governo e diversidade de estados.* Lisboa, 1630. 2ª ed., Coimbra 1654. 3ª ed., Lisboa, 1722 (com uma segunda parte, antes proibida pelo governo espanhol). 4ª ed., com o titulo *Avisos do Céu, Sucessos de Portugal [...]*. Lisboa, 1761.

MACEDO, António de Sousa *Lusitânia Liberata.* Londres, 1645.

RELAÇÃO DE DOIS RELIGIOSOS QUE VIRAM A ILHA ENCOBERTA OUANTELIA. Lisboa, 29 de Maio de 1669. Ms. da Biblioteca Nacional, cód. 503.

RESPOSTA Q SE DEU EM 1714 A quem fez a seguinte pergunta – DEVEMOS AINDA ESPERAR PELO SENHOR REY DOM SEBASTIAO? Dada a lux por hum Anónimo no Anno de 1823. Offerecida aos amantes do Encubeno (7 tomos) O 7º tomo foi publicado por MONTEIRO DA FONSECA - *Sobre o Sebastianismo*, Um curioso documento do começo do século XVIII. Coimbra, 1959.

SALGUEIRO *Petit Bouquet ou preliminar do livro prophetico e maravilhosa vinda d'El Rei Dom Sebastião.* Lisboa, 1887.

SEBASTIANISTAS COMBATIDOS *O Egrégio Encoberto apparecido, o caso raro e maravilho»* acontecido. Portugal, Regenerado, Dialogo Portuguez. Lisboa, 1823.

INDICIOS DE EL REY D. SEBASTIÃO. CONJECTURAS DO MCOBERTO E GRANDEZA DE PORTUGAL. (Manuscrito anónimo contendo profecias relativas a D. Sebastião.. No fim dá-se uma lista dos autores que tratam da Ilha Encoberta), documento na posse de Machado Pires.

D. SEBASTIANISMO: ESCRITOS ENSAÍSTICOS, POLÉMICOS E HISTÓRICOS

AGUIAR, Fernando de *Em Redor de Alcácer*. Porto, 1942.

ALMEIDA, Fortunato de *História de Portugal*. Coimbra, 1926, t. IV, liv. VII.

ARAGÃO, Teixeira de *Diabruras, santidades e prophecias*. Lisboa, Typ. da Academia Real das Sciencias, 1894.

AZEVEDO, João Lúcio de *A Evolução do Sebastianismo*. Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1918. 2. ed., corrigida e simplificada. Lisboa, 1947.

——— *História do Padre António Vieira*. Lisboa, 1931.

BAIÃO, José Pereira *Portugal cuidadoso e lastimado com a vida e perda do Senhor Rey D. Sebastião o Desejado de saudosa memória*. Lisboa, 1737.

BRAGA, Teófilo *o Povo Português nos seus costumes, crenças e tradições*. Lisboa, 1885.

BROOK, .Mary Elisabeth *A King for Portugal-The Madrigal Conspiracy, 1594-1595*. Madison and Milwaukee, The University of Wisconsin Press, 1964.

CANTEL Raymond *Vieira e a Filosofia Política do Quinto Império*, in *Revista Tempo Presente*, nºs 17-18, 1960, pp. 22 a 27.

——— *Prophétisme et messianisme dans l'oeuvre d'António Vieira*. Paris, 1960.

CASTRO, Aníbal Pinto de *A Mensagem de Afonso Lopes Vieira*. Leiria, 1968.

CASTRO, Mário de *À Margem da Questão Sebástica*. Conferência realizada no Teatro Sousa Bastos de Coimbra, no dia 19 de Março de 1925, a convite da Universidade Livre. Com uma carta prévia de Vitorino Nemésio. Coimbra, ed. da Universidade Livre, 1925.

CEREJEIRA, Dom Manuel Gonçalves *O Humanismo em Portugal — Clenardo*. Coimbra, 1926.

CHAVES, Luís *O Sebastianismo, Mística da Restauração*. Coimbra Editora, s. d. (Separata de O Instituto, vol. 98.)

CHRONICA DO CARDEAL REI D. HENRIQUE E VIDA DE MIGUEL DE MOURA ESCRITA POR ELLE MESMO. Lisboa, Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1840.

CIDADE, Hemâni *Padre António Vieira*. Lisboa, Arcádia, col. «A Obra e o Homem», n.º 13, s. d.

— *A Literatura Autonomista sob os Filipes*. Lisboa, s. d.

- COSTA LOBO, A. *Origens do Sebastianismo*. Lisboa, tip. da Empresa da História de Portugal, 1909.
- D'ANTAS, Miguel *Les faux Don Sébastien. Étude sur l'histoire de Portugal*. Paris, chez Auguste Durand, Libraire, 1866.
- DANVILA, Alfonso *Felipe II y el Rey Don Sebastian de Portugal*. Madrid, Espasa Calpe, S. A., 1954.
- DOMINGUES, Mário *D. Sebastião, o Homem e a Sua Época*. Lisboa, 1963.
- ESAGUY, José de *O Minuto Victorioso de Alcácer Quibir*. Lisboa, Agência-Geral das Colónias, 1944
- FERNANDES, Aida Alonso de Andrade *Formas de Profetismo em Portugal nos Séculos XVI e XVII; Sebastianismo e Quinto Império*. Dissertação de Licenciatura em História, Faculdade de Letras de Lisboa, 1964 (policopiado).
- FIGUEIREDO, Antero de *D. Sebastião, Rei de Portugal*. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1924
- FIGUEIREDO, Manuel de *À Margem de «O Piedoso e o Desejados de Carlos Molheira Dias*. Porto, 1929.
- FIGUERAS, Tomás Garcia *La Leyenda del Sebastianismo*. Madrid, Instituto de Estudios Políticos, 1944.
- FONSECA, A. Monteiro da *Sobre o Sebastianismo*. Um curioso documento do começo do século XVIII. Coimbra, 1959.
- GOMES, Augusto Ferreira *No claro-escuro das profecias*. Lisboa, Portugália Editora, s. d.
- HISTÓRIA DE PORTUGAL*, dirigida por Damião Feres (Barcelos), vol. V (colab. De Queiroz Velloso).
- HOLSTEIN, D. Francisco de Sousa *Literatura e História*. Lisboa, 1929.
- LEITE, Duarte *Os Encobertos*, in *O Primeiro* de Janeiro de 27 de Janeiro de 1947.
- LOUREIRO, Francisco Sales *D. Sebastião, antes e depois de Alcácer Quibir*, Lisboa Vega, 1978.
- LOURENÇO, Eduardo *O Labirinto da Saudade: Psicanálise Mítica do Destino Português*. Lisboa, D. Quixote, 1978.
- MACEDO, José Agostinho de *Os Sebastianistas. Reflexões sobre esta ridícula seita*. Lisboa, Officina de António Rodrigues Galhardo, Impressor do Conselho de Guerra, 1810.
- MACHADO PIRES, António *D. Sebastião e o Encoberto*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed., 1982.
- MACHADO, Diogo Barbosa *Memórias para a História de Portugal que compreendem o governo de El-Rei D. Sebastião*. Lisboa, 1736,

- MAGALHÃES, Luís de *D. Sebastião*. Coimbra, 1898.
- MALHEIRO DIAS, Carlos *Exortação à Mocidade*. Lisboa, 1924.
- *Exortação à Mocidade*. Nova edição, precedida de uma resposta à carta-prefácio do Snr. António Sérgio n' *o Desejado*. Lisboa, 1925.
- *O Piedoso e o Desejado*. Lisboa, Sociedade Editora Portugal-Brasil, 1925.
- MARINHO, José *Perspectivas da Literatura Portuguesa no Século XIX*. Lisboa, 1948.
- MEDEIROS, José Gago de “*O Encoberto*» nos *Jerónimos*”. Lisboa, Centro de Estudos de Marinha, 1972.
- MENDES, João *O Profeta do Portugal Novo*, Lisboa, 1939.
- MENDONÇA, Jerónimo de *A jornada d'África*. Porto, Imp. Recreativa do Instituto Escholar de S. Domingos, 1878. (Cópia da edição de 1607.)
- MENDONÇA, Lopes de *A Batalha de Alcácer-Quibir e a Perda d'El Rei D. Sebastião*, in *Rev. Panorama*, vol. II, 4.^a série, 1858.
- MÚRIAS, Manuel *A Política de África de El-Rei D. Sebastião*. Lisboa, «Nação Portuguesa», 1926.
- OLIVEIRA MARTINS, J. Pedro *História de Portugal*. Lisboa, 1879, «O Sebastianismo», liv. V, cap. IV.
- *Idem*, Guimarães & C.', Editores. Lisboa, 1951.
- ORTIGÃO, Ramalho «*O Sebastianismo Nacional*», Cap. III de *Últimas Farpas*. Lisboa, Liv.» Clássica Editora, 1964.
- PACHECO, J. Preto *D. Sebastião. À margem duma polémica*. Porto, 1928.
- PARALELOS HISTÓRICOS-O Imperador Carlos 5.” em Tunes, el Rei D. Sebastião em Alcácer Quibir, in Panorama*, 2.1 série, vol. III, 1844. (Assinado J. da C. N. C.)
- PASSOS, Carlos de *D. Sebastião — Rei e Mártir*. Notas críticas acerca do livro *D. Sebastião* de Antero de Figueiredo. Porto, 1929.
- PATO MONIZ, Nuno Alvares Pereira *Refutação analytica do folheto que escreveu o reverendo José Agostinho de Macedo, e intitulou os Sebastianistas*, pelos redactores do Correio da Península, João Bernardo da Rocha e Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. Lisboa, s. tip., 1710 (devendo ser 1810).
- *Justa impugnação do celebre syllogismo que apoiou o livro “os Sebastianistas”*, por João Bernardo da Rocha e Nuno Alvares Pereira Pato Moniz. Lisboa, na Imprensa Regia, 1810.
- PETRUS *Reflexões à margem do enigma sebástico*, in *Regresso ao Sebastianismo* [antologia de poemas sebásticos e textos críticos], s.

l. e s. d.

PIRES, José Cardoso *Cartilha do Marialva*. Lisboa, Morais Editores. 1976 (6ª ed.), vid. Cap. III, 149-151.

POLÉMICAS - As Grandes Polémicas. Lisboa, Editorial Verbo, 1969, vol. II (séculos XIX-XX).

PRADO COELHO, Jacinto do «*D. Sebastião e o Sebastianismo*», in *Dicionário das Literaturas Portuguesa, Galega e Brasileira*. Porto, 1960, pp. 754-B a 756-B.

— *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*. Lisboa, 1963.

QUADROS, António Mito, *Inconsciente e Razão na História Portuguesa*, in *Diário de Notícias* (suplemento literário):

1. *O Mito: verdade ou alienação*, 21 de Março de 1968.

2. *A Mitogenia Portuguesa e o Inconsciente*, 28 de Março de 1968.

3. *Razão e desrazão do sebastianismo paraclético*, 4 de Abril de 1968.

— *A Teoria da História em Portugal*. In *A Dinâmica da História*. Lisboa, Espiral, 1968.

QUADROS DA HISTÓRIA PORTUGUESA - «Batalha de Alcácer-Quibir», in *Panorama*, vol. I, n.º 23, 1837 (não assinado).

RAPOSO, Hipólito *Amar e Servir*. Porto, 1940.

REALI, Erilde Melilo *Garrett e imiti dei Sebastianismo*, 1970.

REIS, Maria Natália Freire Cruz dos *D. Sebastião na Poesia Portuguesa* Lisboa, Faculd. de Letras, 1949 [Dissertação de Licenciatura. Filologia Românica].

ROBERTS, William H. *The Figure of King Sebastian in Fernando Pessoa*, in *Hispanic Review*, vol. XXXIV, n.º 4, Outubro, 1966.

SABUGOSA, Conde de «*El-Rei D. Sebastião e as mulheres*», in *Donas de Tempos Idos*, 3ª ed., Lisboa, sd.

SAMPAIO (Bruno), José Pereira de *O Encoberto*. Porto, Tip. da Empresa Literária e Tipográfica, 1904.

SARDINHA, António *Aliança Peninsular*. Porto, 1924.

SÉRGIO, António *Interpretação não romântica do sebastianismo*, in *Rev. Águia*, 2.ª série, XI, Julho-Agosto, 1917.

— Idem, in *Ensaios*, t. I. Porto, 1920, pp. 261 a 278.

— *O Desejado*, com uma carta-prefácio a Malheiro Dias. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1924.

— *Tréplica a Carlos Malheiro Dias sobre a Questão do desejado*, ed. da Seara Nova, 1925.

— *Camões e D. Sebastião*. Paris-Lisboa, Aillaud & Bertrand, 1925.

SERRÃO, Joel *O Sebastianismo e Nós*, in *Diário de Lisboa*:

1. *Génese do Mito*, 29 de Fevereiro de 1968.

2. *Metamorfoses do Mito*, 2 de Março de 1968.
 3. *O Mito e a Estrutura do Antigo Regime*, 4 de Março de 1968.
 4. *O Fim do Mito?*, 7 de Março de 1968.
- *Do Sebastianismo ao Socialismo em Portugal*, col. «Horizonte», 1969.
- *Temas Oitocentistas—II*. Lisboa, Portugália Editora, 1962.
- SILVA, Luís Augusto Rebelo da *História de Portugal nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa, 1860.
- SOARES, Ernesto «*Dom Sebastião no Limoeiro*», in *Portucale*, vol. II, n.º 11, 1929.
- SOUSA, Manuel Bento de *O Doutor Minerva*. Lisboa, 1894, D. Sebastião, cap. 11, pp. 171 a 210.
- SOUSA, Maria Leonor Machado de (coord.) *D. Sebastião Na Literatura Inglesa*, Instituto de Cultura e Língua Inglesa, Lisboa, 1985.
- UNAMUNO, Miguel de *Por tierras de Portugal y de España, Obras Completas de Miguel de Unamuno*, vol. 9, 1930. Ver Desde Portugal, pp. 47 a 57.
- VELLOSO, Queiroz *D. Sebastião*. Lisboa, 3ª ed. Empresa Nacional de Publicidade, 1945.
- VIEIRA, Afonso Lopes *Em Demanda do Graal*. Lisboa, 1922.
- VITORINO, Pedro *O Sebastianismo na Iconografia Popular*, sep. da Rev. Águia. Porto, 1923.

E. LITERATURA SEBASTIANISTA

I. POESIA

- ARAÚJO, Joaquim de *Prelúdio da Catastrophe*, in *Luís de Camões*. Porto, 1887.
- BEIRÃO, Mário *Alcácer-Quibir*, in *Lusitânia*. Porto, 1917, 71.
- *D. Sebastião*, ibidem, 124.
- *O Sonho de Alcácer-Quibir*, in *Novas Estrelas*. Lisboa, 1940.
- BOTTO, António *Portugal*, in *Rev. Triptico*, 1944.
- CASTELO BRANCO, Camilo *Alcácer Kibir*, in *Nas Trevas, Sonetos sentimentais e humorísticos*. Lisboa, 1890
- CASTRO OSÓRIO, JOÃO de *Quinto Império*, in *Pequena Antologia Poética do Mar e do Império*, 1937
- COCHOFEL, Carlos *regresso ao Reino*, in *Auto do Mês de Dezembro*. Porto 1919
- COUTO VIANA, António Manuel *Repente*, do livro inédito *Desespera-*

- damente Vigilante*, poema publicado no suplemento literário do *Diário de Notícias*, 15 de Fevereiro de 1968
- DURÃO, Américo *D. Sebastião*, in *Tantalo*. Lisboa 1921.
- FARIA, Guilherme *El Rei Expição*, in *Saudade Minha*. Lisboa, 1929.
- FERREIRA, Gomes *Símbolo*, in *Longe*. 1920.
- FIGUEIREDO, Tomás de *Viagens no Meu Reino*, Poesia. 1968.
- GOMES, Antão de Moraes *Profecia da Lenda*, in *Antão era Pastor*. Porto, 1925.
- GOMES, Augusto Ferreira *Quando dado o sinal ...*, in *Quinto Império*. Lisboa, 1934
- GONTA COLAÇO, Branca de *Quando voltar El Rei*, in *À Margem das Chronicas*. Lisboa, 1917
- JÜNQUEIRO, Abílio de Guerra Porto, Livraria Chardron 5ª ed.
- LEMONS, João de *Alcacer-Kibir* (fragmentos), in *Cancioneiro*. Lisboa, 1859.
- MAGALHÃES, Luís de *D. Sebastião*. Coimbra, França Amado, 1898.
- MAGALHÃES, Luís de *Alcacer-Kibir*, in *Frota de Sonhos*. Porto, 1924.
- MARTINS, António Alves *As Guitarras de Alcácer*, in *Anunciação*. Lisboa, 1921.
- MELLO, Pedro Homem de *Cavalos de Agua*, in *Segredo*. Porto, 1939.
- MENEZES, Pedro de *Alcacer-Kibir*, in *As Cinco Chagas de Cristo*. 1927.
- NEMÉSIO, Vitorino *Xácara de D. Sebastião*, in *Seara Nova*, nºs- 1150-1151, 1950.
- NOBRE, António *O Desejado*, in *Despedidas*. Porto, 1902.
- PALMEIRIM, Luís Augusto *D. Sebastião*, in *Poesias*. Lisboa, 3ª ed., Tip. do Panorama.1859.
- *O Sebastianista*, *ibidem*.
- PASCOAES, Teixeira de *Aos Lusíadas*, in *Águia*, 2º, X, 57, 1917
- *Oração Sebastianista*, *ibidem*, 3ª, I, 9, 1922.
- PESSOA, Fernando *À Memória do Presidente Rei Sidónio Paes*, in *Acção*, n.º 4, 27 de Fevereiro de 1920.
- *Mensagem*. Lisboa, 1934 (3.ª parte: *O Encoberto*; na 2.ª parte. *Mar Português*, um poema, *D. Sebastião, Rei de Portugal*).
- PETRUS *Retorno ao Sebastianismo* [atribuído a «Fernando Pessoa e outros lusíadas»], s. l. e s. d. (colectânea).
- SANTOS CRAVINA *Portugal Redimido*. Lisboa, 1935. (Ver «Ciclo Decrescente»: *A Quimera do Rei Cavaleiro*, pp. 179 e 180; *Alcácer-Quibir*, p. 181; *A Lenda do Encoberto*, p. 182; *Sem rei legítimo*, pp. 185 e 186.)
- SARDINHA, António *Soneto de Alcácer*, in *Pequena Casa Lusitana*. Porto, 1937.

— O *Bandarra*, *ibidem*.

— A *derradeira nau*, *ibidem*.

SEQUEIRA, Gustavo de Mattos *Dom Sebastião*, in *Noticias Ilustrado*, 2ª, n.º 44, 1928.

TEMPO PRESENTE, Revista de Cultura Portuguesa, n.ºs 17-18, Setembro-Outubro de 1960 (número duplo dedicado ao V Império; antologia, pp. 141 a 184).

TORGA, Miguel *D. Sebastião*, in *Alguns Poemas Ibéricos*. Coimbra, 1952.

VIEIRA, Afonso Lopes *O Encoberto*, in *Ilhas de Bruma*. Coimbra, 1917.

— *Violas de Alcácer*, *ibidem*.

— *Alcácer-Quibir*, *ibidem*.

— *Os dois Sebastianistas*, *ibidem*.

VICTORINO, Virgínia *Alcácer-Kibir*, in *Renúncia*. Lisboa, 1926.

2. PROSA

BORDALO, Francisco Maria *D. Sebastião, O Desejado, Lenda Nacional*, in *Rev. Panorama*, vols. III e IV, 3ª série, 1854-1855.

CASTELO BRANCO, Camilo *As Virtudes Antigas ou A Freira que fazia chagas e o Frade que fazia reis*, 2ª ed. Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1904.

DANTAS, Júlio *As Violas de Alcácer Quibir*, in *Pátria Portuguesa*.

DEUSDADO, Ferreira *O D. Sebastião da Vila da Praia*, in *Quadros Açóricos*. Angra do Heroísmo, 1907.

FARIA, Eduardo de *A Volta do Desejado*. Porto, 1940.

GAIO, Manuel da Silva *Últimos Crentes* (romance). Lisboa, 1904.

MAIA, Samuel *História Maravilhosa de D. Sebastião*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1940.

MENDONÇA, Henrique Lopes de *A Volta d'El Rei*, in *Capa e Espada*.

PORTER, Miss Anna Maria *Don Sébastien, Roi de Portugal, roman historique traduit de l'anglais par le traducteur du Polonais [...]*. Paris, 1820.

RIBEIRO, Aquilino *Aventura Maravilhosa de D. Sebastião Rei de Portugal, depois da batalha com o Miramolim*. Lisboa, Livraria Benrand, 1937.

SABUGOSA, Conde de *Uma Noiva do Prior do Crato*, in *Gente d'Algo*. 3ª ed. Lisboa, 1923.

SABUGOSA, Conde de *D. Sebastião e os Bobos*, in *Bobos na Corte*, 2ª ed., Lisboa, Portugalia, cap. VII, pp. 121 a 141.

VILA-MOURA, Visconde de *Cristo de Alcácer*, novela mensal. Março de 1924. (Ed. da «Renascença Portuguesa»).

3. TEATRO

CÂMARA, D. João da *Alcácer Kibir*, Drama Histórico. Lisboa, Imp. Libânio da Silva, 1895.

COLAÇO, Thomaz Ribeiro *D. Sebastião*. Edição da S. I. T. Lisboa, s. d.

CORREIA, Natália *O Encoberto*. Galeria Panorama, 1969. 2ª ed. Edições Afrodite, sd.

COSTA LOBO, A. *Portugal Sebastianista. Auto Dramático*, in *Origens do Sebastianismo*. Lisboa, Liv. Moderna Editora, 1909.

DONIZETTI, Caetano *Don Sebastiano, Re di Portugallo, Dramma sério di Eugénio Scribe, posto in musica da Caetano Donizetti, da representarsi al teatro Carlo Felice in Génova, , il Carnevale 1858-59, Milano (40 pp.)*.

GARRETT, Almeida *As Prophecias do Bandarra (1845)*, in *Obras Completas* de A. G. Lisboa, 1904. (Teatro, vol. V.)

— *Frei Luís de Sousa*, Acto I, Cena III.

LACERDA, Augusto de *O Pasteleiro do Madrigal*. Lisboa, 1924.

LOUREIRO, Jacinto Heliodoro de Faria Aguiar *O Rei da Ericeira*, comédia em três actos, inédita, revista, refundida e muito ampliada por Júlio de Castilho e publicada em folhetins no Correio Nacional, a começar em 31 de Dezembro de 1901.

METZNER LEONE, *El Rei D. Sebastião*. Lisboa, s. d.

RÉGIO, José *El Rei Sebastião*, «poema espectacular em três actos». Coimbra, Atlântida, 1949.

ZORRILLA, José *Traidor, inconfeso e mártir*, in *Obra Lírica e Dramática*, Madrid, Espasa Calpe, 1957.

Nota: No livro coordenado por Maria Leonor Machado de Sousa, acima referenciado, referem-se várias peças de teatro em língua inglesa.

F. SEBASTIANISMO NO BRASIL

AZEVEDO, João Lúcio de *A Evolução do Sebastianismo*. Lisboa, , 2ª ed., 1947, pp. 101 e ss.

BASTIDE, Roger *Brasil, Terra de Contraste*. São Paulo, 1964, pp. 95 e 96 e 97 a 99.

CASCUDO, Luís da Câmara *Dicionário do Folclore Brasileiro*, 2ª ed., revista e aumentada, Rio de Janeiro. Instituto Nacional do Livro, 1962.

(S v *Sebastianismo*)

COSTA, Pereira da *Reino Encantado de D.Sebastião*, in *Diário de Pernambuco*, 27 a 29 de Julho, 1902.

— *Uma Seita de Sebastianistas na Serra do Rodeador*, in *Jornal do Recife*, 29 e 30 de Janeiro, 1902.

CUNHA, Euclides da *Os Sertões*. Rio de Janeiro, 1956.

NAU, José Santiago *Um Mito Maranhense, D.Sebastião*, 1964.

NEMÉSIO, Vitorino *Caatinga e Terra Caída*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1968.

“Às portas do Sertão”, cap. XXIII, in *O Maranhão e o Encoberto*, pp. 119 a 123.

TAVARES, Odorico *Canudos cinquenta anos depois*, in *Baía, Imagens da terra e do povo*. Rio de Janeiro, José Olímpio, 1951.

D. Sebastião e as Máscaras**D. Sebastião and the Masks*****Sumário******Summary***

O desaparecimento do rei D. Sebastião, o Desejado, e seus supostos reaparecimentos e regressos inspirou um importante movimento, na história da imaginação portuguesa. Este artigo retrata o problema, do ponto de vista da relação entre a história e o teatro e como a metáfora da máscara dá acesso a uma representação, na cultura portuguesa, da própria teatralidade da história. O texto é profusamente ilustrado por referências do drama e da poesia, sobre o tema sebastianista, e a natureza dramaturgical das sobreposições entre a duplicidade e o destino, a fabricação e a verdade, o mistério pessoal de um rei e a mística colectiva de uma comunidade.

The disappearance of king D. Sebastião, the Desired, and his supposed reappearances and returns inspired an important movement in the history of the Portuguese imagination. This article reports the issue, from the point of view of the relationship between history and theatre and how the mask metaphor gives way to the representation of the theatricality of history in Portuguese culture. The text is profusely illustrated with references of drama and poetry, on the Sebastian theme, and the dramaturgical juxtapositions between duplicity and destiny, fabrication and truth, the personal mystery of a king and the collective mystic of a community.